



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### TRADIÇÃO E CULTURA NA CHAPADA DIAMANTINA (BA): UM ESTUDO SOBRE FOLIAS DE REIS

Ildimar França<sup>484</sup>  
(UESB)

#### RESUMO

O artigo mostra as folias de reis da Chapada Diamantina (Ba), como uma manifestação cultural da roça. Pergunto em que sentido ser da roça é o que faz destas, uma tradição continuada a partir de reconfigurações, tendo como base a memória coletiva. Neste sentido, reporto-me a um conjunto de práticas e representações do universo rural que se expressam nas folias a fim de identificar singularidades de práticas lúdicas e religiosas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chapada Diamantina, Folias de Reis, Memória.

#### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultante de uma investigação da memória coletiva, ao qual pertencem mestres e foliões que integram as folias de reis da Chapada Diamantina, especificamente nos municípios de Piatã e Boninal. Tem como base a pesquisa oral e a observação empírica, buscando entender as folias de reis ou reisados como uma representação dos sujeitos sociais que têm o campo ou a roça como referência. Longe de estereótipos ou de olhares depreciativos incorporados

---

<sup>484</sup> Possui graduação em história pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e mestrado em ciências sociais pela Universidade Federal da Bahia. Integra o Laboratório Transdisciplinar de Estudo em Complexidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: ildimarfranca@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

por muitos que elegem este morador como o indivíduo desprovido de um saber tido como erudito, estou propondo a categoria da roça.

Não se trata de afirmar que as Sedes desses municípios estejam alheias ao universo rural das folias, mas sim de tomá-lo como ambiente propício para a reconfiguração das tradições. Para além de meu vínculo pessoal com os reisados da Chapada, este trabalho pretende ainda apresentar elementos originais para a compreensão das manifestações culturais locais, através de uma breve discussão conceitual sobre simbologias.

A pesquisa ocorreu entre 2003 e 2005, a partir da análise de um vídeo-documentário intitulado Bahia Singular e Plural – Folia de Negros – Festas de Reis produzido pelo Instituto de Radiodifusão da Bahia (IRDEB, 1999) - TVE-BA. Na ocasião, fiquei instigado com a matéria, pois passava a relembrar das antigas festas de reis de minha cidade, Piatã, de que participava quando criança.

Reconheci a folia enquanto instigação acadêmica pela TVE, em virtude de já possuir um certo aparelho de leitura conceitual do reisado. Em outras palavras, o vídeo-documentário me ajudou a compreender um objeto já visto por mim. Assim, tal reconhecimento me permitiu elaborar uma tríade entre o reisado, a imagem que eu via e as incursões de minha memória.

Recordava dos foliões usando roupas coloridas, com ritmos vibrantes, capaz de envolver crianças, jovens, adultos e idosos. Cantavam em frente à porta fechada e proferiam as seguintes palavras: Viva Santo Reis e o dono da casa! Quem estava do lado de dentro repetia: Viva! Abria-se a porta, os foliões entravam, comiam, bebiam e recebiam a oferta. Entre os intervalos de louvores, os músicos descansavam, atualizavam as conversas, riam à vontade e voltavam a cantar. Observávamos, encantados, as peças, com palmas e, de forma simétrica, sempre atentos aos refrões. Imediatamente após os rituais de despedida, passávamos a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

segui-los ao longo de seu itinerário. Uma das canções que mais nos entusiasmava, e que já estava ao alcance dos nossos ouvidos, era:

Ô de casa ô de fora,  
Maria vai ver que é  
É os cantador de Reis  
Quem mandou foi São José

Do vídeo-documentário da TVE para a pesquisa, passei a indagar: Por que os grupos de reis cantam todo fim de ano? Que fatores e condições determinam tal permanência? Qual o sentido dos festejos para foliões e para a comunidade? Por que os foliões são da roça?

Para tentar responder essas perguntas, recorri inicialmente, a Pierre Bourdieu (1998), ao afirmar que num estado de campo onde é possível perceber o poder por todas as partes, é importante saber descobri-lo, nos locais onde ele se deixa ver menos, onde está mais completamente ignorado.

A primeira novidade a ser observada nesta pesquisa foi no povoado de Mulungu, município de Boninal, 55 km ao norte de Piatã, onde as mulheres estão à frente da organização da festa. Na comunidade, as apresentações das folias duram aproximadamente 45 dias, começando geralmente no dia 5 de dezembro e se estendendo até o dia 20 de janeiro, festa do padroeiro, São Sebastião.

Três tipos de danças existem nas folias da roça Mulungu: “quebra-côco”, “dança do maribondo” e a “dança do facão”. A dança do quebra-côco é oriunda dos cantos do litoral de alguns pontos do Nordeste, (IRDEB, 1999). Os participantes estão em círculos, remexendo-se, ouvindo a cantoria e as batidas dos tambores, zabumbas e pandeiros. Trata-se de uma sonoridade aguda, muito parecida com as batidas dos atabaques dos terreiros de candomblé. Inicialmente, duas pessoas, pulando, se batem com o peito e com as nádegas, enquanto as demais observam e

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

acompanham com palmas. Assim, a seqüência se dá por toda a roda, no mesmo compasso: peito e nádega, peito e nádega.

Na dança do marimbondo, os foliões teatralizam o comportamento de um indivíduo que está sob o ataque de um enxame de maribondos. Sacodem todo o corpo, passando as mãos pela cabeça, ombro, barriga, coxas e pés. De forma agitada, caem no chão, se contorcem até que alguém na roda tenha a “compaixão” de ajudá-lo. Somente assim o ator se acalma.

Na dança do facão, um folião entra na roda com a bainha e o facão ao lado do quadril. Puxa a arma e faz gestos que simbolizam coragem e bravura. Corta o chão num surpreendente jogo de cintura, esquiva-se, pula, ginga, fazendo arte no ar, até que um próximo venha substituí-lo.

A roda em que foram exibidas as danças do quebra-côco, maribondo e facão é o mesmo espaço onde, momentos depois, um litro de cachaça é equilibrado na cabeça de uma “negra rebolona” que aparece para roubar a cena. Requebra-se toda, cai para direita, cai para esquerda, ajoelha e sobe novamente. De repente, toda a roda está cheia de foliões encenando “como é que se toma uma boa cachaça”.

Por sua vez, no povoado de Palmeira, município de Piatã, 38 km da Sede, os moradores quando não são cantadores de reis, seguem ou seguiram de alguma forma o reisado, tal qual o folião Sebastião Oliveira. Quando perguntado sobre como aprendeu a cantar reisado ele diz:

Aprendi com meu pai. Meu pai com o pai dele. E assim foi indo...

Seu Sebastião se remeteu a Zé Martim para comprovar que o reisado na roça Palmeira, continua sendo, segundo suas palavras, tradicional. E completou:

Padim Zé Martim a vida toda cantou reis aqui na roça. Ele é mestre e tem gogó. Então, é como eu tava dizendo prá turma, tá na hora



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

de Padim Zé Martin começar a ensinar pros mais novo, prá eles ir  
prendendo.

O mestre Zé Martin, ao qual se referiu Seu Sebastião, tem como preocupação dar continuidade ao reisado e, para tanto, procura ensinar aos jovens aquilo que aprendeu de seu pai, de seu avô, seu avô do bisavô... Durante o Ciclo Natalino, é praticamente impossível encontrá-lo em casa, em virtude de sua cogitação para cantar reis. De Inúbia ao Cipó, da Palmeira ao Ribeirão, do Capão ao Mulungu, o itinerário pelas roças da Chapada é extenso e indefinido, mas as canções solicitadas sempre congruentes:

Êta palhinha no chão}2x  
Que nasceu o Jesus Menino}2x

Ou então:

Foi nascido de uma rosa,  
ai, ai, ai, ai  
Filho de um cravo encarnado,  
ai, ai, ai, ai (...)}2x

Entre essas duas comunidades visitadas, a pesquisa revelou que reisado, em sendo da roça, brinca fundamentalmente de recriar o mito dos três reis magos. Há um conjunto de histórias capaz de recriar não mais apenas o real vivido, mas um agregado de símbolos que, articulado às experiências do cotidiano roceiro, produz na folia, uma espécie de anti-texto com relação à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo moderno, muitas vezes encontrados em Sedes de pequenas e grandes cidades da Chapada Diamantina.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

A identidade reiseira da Chapada se fundamenta no conjunto de signos e significados cujas matrizes estão no universo rural, presente nos rituais, nas ladainhas, na culinária, nos instrumentos musicais, nos adereços e assim por diante. Mas... O que seria mesmo o reisado, por tantas vezes aqui citado?

Trata-se de um tipo de manifestação cultural que acontece entre as vésperas de Natal e o dia 6 de janeiro. É animada por músicos do próprio ambiente das localidades, seguidos de um modesto número de outros brincantes, vestidos de roupas simples e enfeitadas de flores e fitas, portando chapéu de palha e couro. Levam nas mãos imagens de santo e estandartes coloridos, tocando viola, violão, zabumba e sanfona. Os reiseiros, ritmados por um extenso repertório musical, saem de casa em casa de festeiros à procura do Menino Jesus. Encontrarão o Menino Jesus no presépio ou na lapinha (como alguns costumam chamar) e, com isso, expressarão sua adoração a Deus.

As apresentações do reisado iniciam com a cantoria na porta da casa do devoto; depois, diante da lapinha, cantam-se chulas, sambas e modas de viola; por fim, na marcha de saída, os foliões se despedem e vão para outra casa repetir o mesmo ritual. Terminado o ritual, o dono da casa lhes oferece bebida e comida em fartura. No variado cardápio, pode-se encontrar beiju, pipoca, milho cozido, rapadura, farofa. Na parte de bebidas, licor e, principalmente a cachaça – no dizer de Câmara Cascudo (1972), a mais popular das bebidas brasileiras.

### **Ser da roça**

As roças da Chapada Diamantina se relacionam com as Sedes em equilíbrio de complementaridade, de modo, às vezes, destas precisarem mais do camponês do que o contrário. O que leva as cidades à dependência dos trabalhos do homem da roça? Justamente por ser aquele indivíduo que fornece às Sedes os produtos



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

relacionados à agricultura, como observa Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) em estudos sobre o campesinato brasileiro. Já o camponês, nas Sedes, adquire os produtos complementares, ou seja, aquilo que ele não produz.

A partir de Maria Isaura, passo a afirmar que o hábito de vida rural pode ser encontrado na cidade, da mesma forma em que o hábito de vida da cidade pode ser encontrado na roça. Definir o rural e o urbano é uma tarefa árdua e mais ainda quando nos reportamos à micro-região de Piatã. Ao possuir uma economia centrada na exploração e utilização de recursos naturais, por exemplo, o município se perde na separação daquilo que pertence à roça ou à Sede.

No âmbito cultural, as diferenças entre rural e urbano estão cada vez menores. Dessa forma, quando proponho a categoria da roça, necessariamente não estou me condicionando ao determinismo geográfico. Estou também imaginando e dando forma a um estilo de ser lúdico e religioso.

Se para os demógrafos está distante superar o conceito rural/urbano, torna-se também uma preocupação deste artigo evitar cair num relativismo estéril, onde tudo possa ser entendido como urbano ou como rural. Em função disso, não comungo da afirmativa de que elementos do reisado da Chapada são exclusividades rurais, mas em observá-los enquanto manifestações culturais que melhor se organizam fora das Sedes.

Tal organização tem mostrado que o morador da roça soube melhor lidar com a memória religiosa reiseira ao reconfigurar-se culturalmente. O roceiro, digo, o homem do campo, reelabora suas tradições ao se reportar aos objetos materiais de devoção aos santos e aos Reis Magos; através dos ditados, provérbios e “causos”, transmite a memória oral; nas relações de compadrio, estreita amizades; nas celebrações de inúmeros festejos religiosos, nos sabores culinários, nas cantigas ou antigas modas sertanejas ou nos chás e remédios caseiros reconfigura traços de suas identidades.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Apresento a partir deste momento, então, o que entendo por ser da roça. Diferentemente da rotina do trabalhador da Sede, o homem da roça lida com o tempo do cio dos animais: o cruzar, o parir e o amamentar do gado. Arado, enxada, enxadão, picareta, foice, facão, pá e machado são instrumentos auxiliares nas tarefas diárias. Em Mulungu, no contato com a terra, pode o camponês trabalhar pelo sistema de parceria com o proprietário sendo meeiro um de outro. Nos engenhos locais, fabrica puxa, rapadura e cachaça; nos terreiros, seca, pila e mói o café.

O roceiro da Palmeira, hábil no cultivo do café, vende sua força de trabalho em intermináveis filas de cafezais. Nos cafezais leva a marmita - enrolada no pano de prato. Leva a garrafa térmica e os biscoitos - brividade, sequilho, avoador - estímulos ao segundo turno de trabalho. Músicas de reisado, ladainhas, cantorias e repentes ajudam-nos a tornar a labuta na roça menos estafante. Dentre as canções, destaca-se:

Oh Deus salve a casa santa}2X  
Onde Deus fez a morada}2X  
Onde mora o cálice bento}2X  
E a hóstia consagrada}2X

Na roça, excedente de algodão pode ser trocado com as tecedeiras por panos tecidos; pode o dono de moinho tomar o milho em troca da moagem do fubá; derivados da cana-de-açúcar podem ser cambiados em porcentagens com proprietários de engenho. Artesanatos também há, quando da fabricação de balaios, chapéus, esteiras, peneiras, vassouras de palhas de coqueiro. Selas de animais, arreios ou bruacas podem ser instrumentos de troca por sacos de farinha de mandioca, sacos de feijão, arroz ou pelo que faltar em casa.

Na Semana Santa, o reiseiro costuma ir às procissões católicas, sobretudo a procissão de Domingo de Ramos, levando palhas de coqueiros para serem bentas.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Essas palhas, após o ritual, ficam guardadas em casa, sendo usadas principalmente a partir do Ciclo Natalino, quando súbitas tempestades anunciam a chegada do verão na Chapada. Então ele queima a palha, chamada de palha benta na intenção de acalmar os raios, os trovões e os ventos acentuados - fenômenos naturais comuns e intensos neste período do ano. Também é da Igreja Matriz de Piatã que o reiseiro leva para sua roça o pão do divino, ou seja, um pãozinho de cor branca que deve ser colocado à lata de farinha, para que, segundo a crença local nunca falte o alimento.

Identifico ainda o reisado como sendo uma manifestação cultural da roça da seguinte forma:

**Repertório:** As músicas religiosas cantadas nas folias falam de animais, insetos, plantas e plantações; falam de marimbondo, cavaleiros, cordeiro, manjerição, lavoura de feijão, cravo, rosa e galo.

**Culinária:** Os alimentos preparados para eles, e às vezes por eles, são produzidos na roça. Com o milho se faz cuscuz, canjica, bolo, mingau; cana-de-açúcar transforma-se em cachaça, tijolo, rapadura, puxa e licores; leite transforma-se em queijos, doces e manteigas; mandioca em farinha, maniçoba e beiju; leguminosas em pirão e cortados; cítricos em suco; arroz em comida ou doce; boi, bode ou frango são usados para o tira-gosto ou farofas.

**Instrumentos musicais:** Os instrumentos usados pelos reiseiros também são confeccionados na roça. Pífanos são feitos de mangueira, cano ou bambu; triângulo vem de pedaço de ferro de construção; bumbo, de couro de veado; duas latas velhas podem virar um agogô; dois copos de alumínio emendados, contendo areia ou pedras podem se transformar em chocalho.

**Indumentária:** As calças, as camisas, sapatos e chapéu dos reiseiros ou são costurados ou remendados pelos moradores da roça. As esposas dos foliões usam máquina de costura ou as próprias mãos para coserem rasgões de roupas, bordar

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

estandartes, confeccionar luvas, toucas e cachecóis para o tempo de frio. Os chapéus são enfeitados com fitinhas do Bom Jesus da Lapa ou do Senhor do Bonfim; tiras de plásticos, penas de pavão, flores e espelinhos que, normalmente são usados pelos moradores da roça.

### **Símbolos do universo rural reiseiro**

No universo rural do reisado, os sistemas simbólicos, têm no “poder simbólico um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica” (BOURDIEU, 1998, p. 09). Partindo de Bourdieu, entendo que os símbolos são os instrumentos de integração social no reisado da Chapada Diamantina. Esta é a lógica gnosiológica que contribui no sentido de reproduzir fundamentalmente a natureza da ordem social: integração lógica igual à condição da integração moral. Vejamos alguns desses símbolos:

Presépio: Simboliza o local destinado ao Menino Jesus. É reconstituído a partir de enfeites encontrados na roça, como amendoeira, barba de velho, bromélias, cactos e sempre-viva. Com o material em mãos, o devoto passa a definir o local onde se armará o presépio. Um bloco aqui, um tijolo ali, um pouco de colar acolá; enfeites, enfeites e mais enfeites, aos poucos, o presépio vai tomando forma. No segundo momento, colocam-se luzes, cartões de Natal, brinquedos, queda d’água, pisca-pisca, fotos de familiares. Na ala sagrada da gruta, além da imagem do Deus-Menino, são expostas as imagens de São José, Nossa Senhora, dos Reis Magos que, por sua vez, estão sob atenção dos animais que vão visitá-los.

O presépio divide espaço com as imagens sacras na estante, com o Cristo Crucificado atrás da porta, às vezes enfeitado com as fitinhas. Divide também espaço com fotografias de familiares, fotografias de padres às vezes dando a



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

comunhão a algum membro da família, podendo ainda encontrar ainda: licor, cachaça e vinho ao lado das imagens de Nossa senhora e de Jesus Cristo.

No período em que os presépios são armados, passam a assumir papel de santidade. Na sala de estar, varanda ou outro espaço da casa escolhido, se alguém passar em frente, deverá curvar o corpo em direção às imagens e em seguida tracejar um sinal da cruz. Se estiver de chapéu ou boné, com a mão esquerda, deverá retirá-los da cabeça e com a mão direita fazer o sinal da cruz. Diante do presépio, não é permitido brigar ou xingar.

Folião bêbado. A figura do folião bêbado é personagem intermédio entre o sagrado e o profano. Bakhtin (1987) ao discutir a história do riso, o vocabulário da praça pública, as formas das festas populares, observa o que seriam as imagens grotescas do corpo, do “baixo” material e corporal. Com relação ao riso, isto é, o produto da cultura cômica popular, oriundo das literaturas paródicas, das atuações dos bufões, tolos, anões e monstros, Bakhtin apresenta o riso como oposição à cultura oficial e à realidade feudal, marcada pela religiosidade forte e pelo tom sério.

O folião bêbado é um pouco aquele que provoca o riso, de que fala Bakhtin. Normalmente o folião está presente em algum bar de alguma roça e se vê atraído pela sonoridade do reisado ou pelo próprio movimento da festa.

O folião bêbado representa as liminaridades simbólicas entre sagrado e profano. Na folia, há zonas de troca, de relaxamento de especificidades, sendo o bêbado o principal interlocutor. Por meio dele, o reisado revigora e continua o extenso itinerário religioso de forma mais enérgica e menos cansativa. Trata-se do animador da folia, às vezes a ligação entre foliões e donos da casa, quando, extrovertidamente, solicita comidas, bebidas e ofertas. Assume ainda o papel animador ao abraçar ou apertar as mãos dos que se fazem presentes,



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

imediatamente expondo algumas de suas canções, repentes e paródias ou mesmo contando piadas.

Não é comum a cena do bêbado desrespeitando o líder ou qualquer membro do reisado e vice-versa. Parece haver entre eles um clima de harmonia, uma “ordem gnosiológica”, estreitada apenas pelos olhares ou no máximo a um tom de voz. Quando o bêbado parece querer incomodar o momento religioso, basta um movimento de censura do líder do reisado ou quaisquer dos demais presentes para que o mesmo se aquiete. Por mais bêbado que esteja, esse indivíduo não tem dificuldade em discernir claramente o sagrado do profano. Quando no momento profano, consegue ser mais profano dentre todos os da casa; quando no momento sagrado, acompanha com personalidade as ordens do líder, chegando inclusive a censurar os distraídos que continuam a conversar diante do louvor.

Estandarte. De todas as representações que compõem o universo rural reiseiro, o estandarte é uma das mais emblemáticas. O estandarte seria um elo responsável por unir reiseiros e donos das casas e os próprios donos das casas; afinal, o indivíduo que recebe o folguedo sempre permanece com o estandarte até o louvor final, tendo o compromisso de guiá-lo até o próximo presépio.

Entendo que a simbologia do estandarte no reisado é como buscar um sentido imediato para um mundo social. Por ser um instrumento complexo denota uma idéia não heterogênea de tempo, espaço e causa. Não pode ficar encostado em paredes, geladeiras ou armários e sim nas mãos do visitado, como uma espécie de guardião do presépio. Está posto à frente do cortejo, trilhando os caminhos dos que seguem. Enfim, o estandarte é imediatamente “sociabilizante”, quando aproxima as pessoas que desejam tocá-lo, passando e, a seguir, a comentarem sobre os desenhos da festa.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### CONCLUSÕES

As folias de reis da Chapada Diamantina pertencem ao âmbito cultural popular, sendo formada por um conjunto de conhecimentos seculares guardados para utilizar no exercício diário de comparação. As folias apropriam-se da identidade rural, através da representação do passado e da resignificação do caráter histórico, pela memória oral.

A identidade reiseira da Chapada se fundamenta no conjunto de significados presentes nas simbologias, nos rituais, nas ladainhas, na culinária, nos instrumentos musicais, nos adereços e assim por diante. Em sendo da roça, o reisado possui características que melhor se apresentam na atmosfera rural. Assim, continua em virtude do refazer cultural a partir de reconfigurações. Por se reconfigurar, não está posto no tempo com algo rígido e acabado; elementos novos de seu universo fazem com que novas gerações possam se identificar com a folia e assim ela é passada de geração a geração.

### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais/Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira, - São Paulo:
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CASCUDO, L. C. Seleta. **Organização, notas e estudos de Américo de Oliveira Costa**. Nota de Paulo Ronai. Rio de Janeiro, editora José Olympio, INL, 1972.
- IRDEB: **Documentário Bahia Singular e Plural**. Folia de Negros – Festas de Reis, 1999.



ISSN: 2175-5493

**IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

5 a 7 de outubro de 2011

---

QUEIROZ, Maria Isaura de. **O campesinato brasileiro**: Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil, Vozes, 1973.